

SE QUERES SER PERFEITO

JOSÉ ROBERTO MELLO PORTO

PREFÁCIO DE
IVES GANDRA MARTINS FILHO

SE QUERES SER PERFEITO

MEDITAÇÕES SOBRE A CONVERSÃO



QUADRANTE

Se queres ser perfeito
José Roberto Mello Porto
1ª edição — 2026

Copyright © 2026 do Autor

Capa
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Porto, José Roberto Mello

Se queres ser perfeito: meditações sobre a conversão / José Roberto Mello Porto — 1ª ed. — São Paulo, SP: Quadrante Editora, 2026.

ISBN: 978-65-287-0113-1

1. Vida cristã 2. Evangelhos 3. Espiritualidade I. Título.

CDD — 248.4

CDU — 27-58

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã : Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO, POR IVES GANDRA MARTINS FILHO	7
CONHECER CRISTO PARA SER CRISTO	11
DEUS NOS CHAMA, NOS DESAFIA E NOS FORTALECE	15
DEUS NOS CHAMA	16
DEUS NOS ALCANÇA	18
DEUS NOS DESAFIA	21
VIESTE PARA NOS PERDER?	26
DEUS NOS FORTALECE	28
O CHAMADO DE DEUS	35
AGLOMERADOS NA PRAIA	37
VINDE E VEDE	40
LAVANDO AS REDES	42
DE DIA E DE NOITE	48
COMO ZAQUEU	51
A MULTIDÃO DO PECADO	53
A MULTIDÃO DAS OCUPAÇÕES	55

DEVO FICAR EM TUA CASA HOJE	58
DESCER COM TODA A PRESSA	61
A SALVAÇÃO ENTROU EM TUA CASA	63
A PARÁBOLA DO SEMEADOR	67
O SEMEADOR SAIU A SEMEAR	68
À BEIRA DO CAMINHO	70
CRIANDO RAÍZES	73
UM APANHADO DE PREOCUPAÇÕES	76
O JOVEM RICO	81
SÓ DEUS É BOM	83
SE QUERES SER PERFEITO	88
O LEPROSO	93
PROSTROU-SE DIANTE DELE	97
SE QUERES	99
PODES LIMPAR-ME	101
EU QUERO, FICA LIMPO	104

PREFÁCIO

IVES GANDRA MARTINS FILHO

Este livro é para aqueles que já são cristãos, mas ainda não descobriram o que isso realmente significa e, por isso, não o experimentam iluminando e aquecendo plenamente a própria vida.

Também é para aqueles que se esqueceram, no meio da correria do dia a dia, de reservar um tempinho para Deus e para a prática religiosa, assim como do bem que esse costume faz à alma, norteador o caminho da vida.

Finalmente, é para todos nós que levamos anos ou décadas no esforço de seguir a Cristo e que podemos fazê-lo com mais leveza e alegria aproveitando a experiência de um jovem advogado e pai de família que se dispõe a compartilhar conosco seus achados na meditação do Evangelho.

Já de início José Roberto nos lembra de uma santa dos nossos dias que compreendeu o âmago da chamada evangélica: Madre Teresa de Calcutá. E não é por menos que, no seu túmulo, a lápide não tem seu nome, mas apenas umas

palavras de Cristo recolhidas por São Mateus e que figuram como essência da vida da santa: *You did it to Me* (Mt 25, 40). Ela cuidou de Cristo nos mais pobres dos pobres.

Essa dimensão apostólica também é lembrada por Mello Porto desde o começo deste livro. E tudo com uma abordagem renovada e bem próxima ao mundo do trabalho e das lides familiares. Chega a ser poético, ao dar razões mais ao coração que à cabeça para empreender o seguimento de Cristo.

José Roberto nos apresenta os paradoxos do cristianismo à luz dos paradoxos das nossas próprias vidas, fazendo-nos ver como, para a solução de tantos enigmas da existência, a resposta cristã segue no sentido oposto do que se imagina racional e lógico. Chesterton dizia que para o cristão não há beco sem saída: basta voltar atrás e desandar o mal andado. É o caminho da conversão, que todos necessitamos percorrer. Nunca é cedo demais ou demasiado tarde.

Os Evangelhos, nestas reflexões de Mello Porto, ganham um colorido novo à luz da vida de um profissional que labora e vive no século XXI da era cristã e que os traz aos nossos dias também em sua originalidade, chegando a transcrever em algumas notas o trecho inteiro da passagem evangélica de que trata não só para nos apresentar ou relembrar, mas para que degustemos.

Louvo a coragem de José Roberto ao publicar suas reflexões sobre o Evangelho, pois quem coloca no papel a sua interioridade e o seu ideal depois é cobrado a respeito de sua coerência de vida. O papel aceita tudo, mas uma vida de fé e de luta pela santificação no trabalho e na família é o que se

espera de quem colocou o Evangelho como seu guia. E não um dia, uns meses ou uns anos. A fidelidade a esse ideal é para sempre.

No fundo, José Roberto, nessa série de reflexões sobre os Evangelhos, nos repropõe, em novos termos, a pergunta que Cristo fez aos seus apóstolos: “Quem dizem os homens que eu sou?... E quem dizeis vós que eu sou?” (Mc 8, 27-29; Lc 8, 18-20). Essa é uma pergunta que todo ser humano, mais cedo ou mais tarde, terá de responder: Quem é Cristo para nós? Um grande filósofo, um grande profeta... ou Deus?

Se é Deus, como provou com seus milagres e ressurreição, tornando-se o divisor de águas da história da humanidade — antes e depois de Cristo —, então sua mensagem, seus ensinamentos, seus mandamentos albergam o segredo da felicidade, o mapa da salvação, o guia para nossa realização.

Assim, sendo os Evangelhos o relato por excelência da vida e mensagem de Cristo, ler e meditar neles é fundamental se queremos compreender melhor o mundo e a nós mesmos. E este livro é um bom estímulo para isso.

Em suma, *Se queres ser perfeito* é um ótimo título para essa obra de José Roberto Mello Porto, pois já constitui uma chamada e um desafio: se não queremos a mediocridade na nossa vida, seja profissional, familiar ou social, se não nos contentamos com um verniz de cristianismo, se queremos encontrar respostas consistentes para os maiores dilemas e interrogantes da nossa vida, este é um bom livro para se ler e refletir.

Boa leitura e meditação!

CONHECER CRISTO PARA SER CRISTO

Os Evangelhos são um imenso privilégio. A partir deles, podemos conhecer nosso Deus não apenas por ideias abstratas, mas por meio dos relatos daqueles que O encontraram humanamente, face a face, ou que conviveram de perto com quem O conhecera.

São Mateus e São João, discípulos diretos, acompanharam Jesus em sua missão, viram seus gestos, ouviram sua voz e deixaram para nós, cada um à sua maneira, um recorte dessa convivência transformadora. Não foram narrativas exaustivas — e o próprio São João termina seu Evangelho alertando que, se tudo o que Jesus fez fosse colocado no papel, *nem o mundo inteiro poderia conter os livros que seriam escritos*.¹ O que temos, portanto, é uma seleção conduzida pelo Espírito Santo, que escolheu aquilo que seria essencial

¹ Jo 21, 25.

à nossa salvação, o que deveria ser eternizado em palavras e transmitido de geração em geração.

Cada evangelista tem seu traço particular: Mateus escreve para os judeus; Lucas tem uma escrita mais detalhada e ordenada; Marcos é direto e sintético; João, profundo e contemplativo. Alguns bebem de fontes apostólicas indiretas, como Marcos (provavelmente do discípulo de Pedro); outros escrevem a partir da própria experiência. Todos, porém, são unânimes: o centro é sempre Cristo. A cada página, Ele está no foco. Os Evangelhos são, por excelência, livros cristocêntricos.

À medida que nos familiarizamos com essa leitura, algo em nós se transforma. Ao mesmo tempo, causa estranheza perceber como tantos cristãos professam sua fé há anos, talvez décadas, sem nunca terem lido os Evangelhos por inteiro. Por vezes, somos nós a alegar que temos vida espiritual, mas não conhecemos, a fundo, a vida de Jesus. Não sabemos por onde passou, o que disse, como reagiu às dores, ao pecado, à alegria, à fé alheia. Não é estranho dizermo-nos seguidores de alguém que não se conhece? Como esperar que nossa vida espiritual floresça sem intimidade com Aquele que a fundamenta?

É igualmente importante refletir a respeito do nosso dever apostólico. Sabemos o que acontece quando vamos despreparados a uma reunião de trabalho, a uma aula, a uma apresentação. Por que, então, achamos admissível apresentar Cristo aos outros sem conhecê-Lo bem? Como esperar que meia dúzia de frases decoradas — muitas vezes repetidas sem

verdadeira convicção — transformem o coração dos nossos amigos e familiares afastados de Deus?

Às vezes, depositamos uma esperança passiva na intervenção divina: em que Deus falará milagrosamente através de nós, sem que tenhamos nos preparado minimamente. Mas isso não é fé; é ilusão. Quando Jesus promete que o Espírito Santo falará pelos seus discípulos, não está prometendo um truque de mágica, e sim uma graça que se assentará sobre um alicerce. Seus apóstolos haviam sido formados, instruídos, lapidados, e é sobre essa base que o Espírito sopra com liberdade.

Se não nos empenharmos sinceramente em conhecer Jesus Cristo, toda tentativa de evangelizar, de fazer diferença no mundo — e até em nós mesmos — será inócua. Ser cristão é seguir Cristo. Ser cristão é identificar-se com Ele, é ser outro Cristo: *alter Christus*. Essa é a vocação de todo batizado.

Conta-se que Madre Teresa de Calcutá, fundadora das Missionárias da Caridade, certa vez recebeu um jovem muito entusiasmado que dizia ter descoberto sua vocação: “Cuidar de leprosos!”, exclamou alegre. Essa santa mulher, diante desse assombroso desejo de entrega, que a nós pode causar repulsa, olhou para ele com doçura e correção: “Meu filho, a sua vocação não é cuidar de leprosos. Sua vocação é ser outro Cristo (cuidando de leprosos).”

Cuidar de leprosos, lecionar, limpar as ruas, educar filhos, administrar empresas... Todos esses são modos de exercer uma única vocação: ser outro Cristo no mundo. Essa também é a nossa vocação, e o primeiro passo para realizá-la

é conhecer profundamente aquele que devemos encarnar: Jesus. Dediquemos alguns minutos diários para nos colocar nas cenas do Evangelho e tiraremos muitos frutos espirituais desse propósito simples. Como com Zaqueu, os apóstolos, o jovem rico e o leproso curado, Cristo quer ter conosco: aceitemos o convite.

DEUS NOS CHAMA, NOS DESAFIA E NOS FORTALECE

Deus nos chama, nos desafia e nos fortalece. Essa tríade, tão simples e tão precisa, sintetiza toda a nossa vida espiritual. Trata-se de um chamado que nos convoca, de um desafio que nos obriga a sair de nós mesmos e de uma força que nos sustenta ao longo do caminho.

Vale a pena meditar sobre cada um desses momentos da jornada. Esse mesmo itinerário (chamado, desafio, fortalecimento) se repete em muitos contextos: é o caminho do atleta que se prepara para a competição, da mulher que se descobre grávida, do trabalhador que enfrenta sua rotina, do cristão que deseja crescer em virtude. Seja nas pequenas lutas diárias — por mais paciência, mais gratidão, mais laboriosidade que se tenha — ou nas grandes provações — uma doença, o desemprego, a perda, a angústia —, o processo é o mesmo: chamado, desafio, fortalecimento.

Quando não reconhecemos esse passo a passo, somos tomados por uma sensação de abandono: “Deus me esqueceu. Tudo desmoronou.” Acontece que o que desmorona, na verdade, é apenas nossa atenção ao que Deus está fazendo.

DEUS NOS CHAMA

Começamos pelo chamado, esse primeiro passo que alimenta todos os demais. Imaginamos que o chamado divino seja algo extraordinário, teatral, indisfarçável, mas nem sempre é assim. Se alguém medita, já há um chamado em curso; trata-se de uma resposta a uma iniciativa divina.

Deus nos chama antes mesmo que tenhamos consciência disso. Ele nos alcança por meio da inquietação, do incômodo, da alegria inesperada, de um exemplo que toca, de uma interrogação diante do que a vida, o universo, a energia — esses apelidos que se costumam dar ao agir divino — nos apresentam. Deus nos faz perguntas silenciosas: “Será que não é preciso algo mais?”, “Será que essa tristeza, esse vazio, esse cansaço da vida não escondem um convite para algo maior?”.

O chamado de Deus não precisa ser retumbante. Na realidade, quase nunca é. Não é necessário que um anjo apareça para nós. Inclusive, mesmo quando isso ocorre — como com Zacarias no Templo¹ —, a reação humana tende à dúvida. O

1 “Nos tempos de Herodes, rei da Judeia, houve um sacerdote por nome Zacarias, da classe de Abias; sua mulher, descendente de Aarão, chamava-se Isabel. Ambos eram justos diante de Deus e observavam irrepreensivelmente todos os mandamentos e preceitos do Senhor. No entanto, não tinham filhos, porque Isabel era estéril e ambos de idade avançada. Ora, exercendo Zacarias diante de Deus as funções de sacerdote, na

exemplo de Zacarias, esposo de Isabel, que era prima de Nossa Senhora, é paradigmático: após décadas pedindo a Deus um filho, aparece-lhe o anjo Gabriel, avisa-lhe que, finalmente, sua esposa gestará uma criança e anuncia-lhe a missão grandiosa de João, o futuro Batista. Desconfiado, Zacarias pergunta: *Como terei certeza disso? Pois sou velho e minha mulher é de idade avançada*. Que diferença em relação à reação de Maria, ao receber o mesmo anjo seis meses depois...

Se Deus enviasse um anjo para nos chamar à mudança, estaríamos certos de tratar-se de um devaneio antes de aceitarmos a mudança de vida pretendida. Temos uma incrível capacidade de argumentar contra as evidências e em favor de nossos gostos. O problema não está nos sinais que Deus nos dá, mas na nossa reação tímida e preguiçosa aos convites que nos faz.

Quantas vezes repetimos a mesma lógica: “Isso não pode ser Deus; é coisa da minha cabeça”? Ou: “Não é tão importante

ordem da sua classe, coube-lhe por sorte, segundo o costume em uso entre os sacerdotes, entrar no santuário do Senhor e ali oferecer o perfume. Todo o povo estava de fora, à hora da oferenda do perfume.

“Apareceu-lhe então um anjo do Senhor, em pé, à direita do altar do perfume. Vendo-o, Zacarias ficou perturbado, e o temor assaltou-o. Mas o anjo disse-lhe: ‘Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração: Isabel, tua mulher, vai dar-te um filho, e tu lhe chamarás João. Ele será para ti motivo de gozo e alegria, e muitos se alegrarão com o seu nascimento; porque será grande diante do Senhor e não beberá vinho nem licor, e desde o ventre de sua mãe será cheio do Espírito Santo; ele converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias para reconduzir os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto.’

“Zacarias perguntou ao anjo: ‘Como terei certeza disso? Pois sou velho e minha mulher é de idade avançada.’ O anjo respondeu-lhe: ‘Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te falar e te trazer esta feliz nova. Eis que ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que estas coisas acontecerem, visto que não deste crédito às minhas palavras, que se hão de cumprir a seu tempo’” (Lc 1, 5-20).

assim. Não preciso fazer tanto. É exagero”? Mas, no fundo, sabemos que o coração está ardendo, que há algo a mudar. Eis a inquietação, eis o chamado de Deus, que se repete diariamente. Às vezes, sutil; às vezes, mais retumbante.

Deus nos chama. Hoje. Agora. Peçamos a capacidade de corresponder com confiança e entrega.

DEUS NOS ALCANÇA

Em algum momento da vida espiritual, um questionamento sutil ou profundamente inquietante pode surgir: “Será que meu desejo de viver a fé é mesmo autêntico? Ou estou apenas imitando alguém? Serei como uma cópia, um disfarce, uma caricatura de cristão?” Essa dúvida não é incomum e pode nos visitar de modo intenso justamente quando começamos a caminhar com mais seriedade rumo à conversão. Para alguns, essa desconfiança interior chega a parecer uma crise de fé, mas pode, na verdade, ser um convite à maturidade.

É frequente encontrar pessoas que se aproximam de Deus inspiradas por outras. Por alguém que se admira, por alguém que inspira. Isso pode até provocar um orgulho tolo em alguns corações: “Fui eu quem o converteu.” Convém, entretanto, lembrar — e lembrar bem: quem converte é Deus. Sempre.

São Paulo, aos filipenses, disse que Jesus o alcançara, o conquistara.² Essa expressão — *fui conquistado por Jesus*

2 “Não pretendo dizer que já alcancei [esta meta] e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo

Cristo — é preciosa. Não se diz que Paulo foi atrás de Deus, mas que Deus foi ao seu encontro. A narrativa de Damasco é clara: Paulo, ainda Saulo, é surpreendido por uma voz que interrompe seus planos: *Saulo, Saulo, por que me persegues?* Ao que ele responde: *Quem és tu, Senhor?*

Paulo compreende: é Cristo quem toma a iniciativa. E isso muda tudo. É Ele quem nos busca. É Ele quem nos alcança. Não somos nós que descobrimos Deus. É Deus que nos visita.

São Josemaria Escrivá dizia que, se contássemos sinceramente a história da nossa conversão a outra pessoa, ela veria com clareza que ali não houve coincidência, mas cuidado divino,³ um plano amoroso, um toque artesanal, desse Deus que só sabe contar até um e trata cada um com inteira dedicação e cuidado.

Não por acaso, Cristo é marceneiro: seu trabalho é artesanal, personalizado, sob medida. Ele não lida com multidões abstratas, mas com pessoas concretas; conta de um em um, contemplando nome, rosto e história. E, se fosse necessário, viria ao mundo apenas por cada um de nós: uma alma que

do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo” (Fl 3, 12-14).

3 “Se cada um de nós se pusesse agora a contar em voz alta o processo íntimo da sua vocação sobrenatural, os outros perceberiam que tudo isso era divino. Agradecemos a Deus Pai, a Deus Filho, a Deus Espírito Santo e a Santa Maria, por meio da qual nos vêm todas as bênçãos do céu, este dom que, juntamente com a fé, é a maior graça que o Senhor pode conceder a uma criatura: o firme anseio de alcançar a plenitude da caridade, na convicção de que não só é possível, como também necessária, a santidade no meio das ocupações profissionais, sociais...” (São Josemaria Escrivá, *Ê Cristo que passa*, Quadrante, São Paulo, 2024, n. 32).

se volta para Deus justifica todo o seu amor e toda uma festa no Céu.⁴ Ele morreria da mesma forma e sofreria o mesmo escárnio. Por um só. E teria valido, nas contas amorosas de Deus, muito a pena.

Quem já amou profundamente — um filho, um cônjuge, um amigo — compreende isso. Quando amamos de verdade, desejamos a conversão do outro com uma sede quase desesperada. E, diante da graça que é ver alguém a quem amamos voltar-se para Deus, toda alegria humana empalidece. Se assim somos nós, pobres e limitados, imaginemos Deus, nosso Pai, nosso Criador, aquele que pensou em cada detalhe do nosso ser — do temperamento à sensibilidade, das lágrimas às alegrias, do silêncio ao riso —, desenhou nossos desejos, nossos gostos, nossas inclinações, nossas dificuldades, nossos sonhos, nossas ambições...

Ele nos formou, nos chamou e, com amor infinito, nos alcançou. Talvez tenha sido por meio de uma alegria inesperada, de uma dor profunda, de um exemplo pessoal, de uma frase lida por acaso (como Santo Agostinho, após décadas de procura pela verdade), de uma angústia inexplicável. Não importa a forma de exteriorização desse chamado; importa a certeza de paz que colocou em nosso coração. E, se ouvimos

4 “Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? E, depois de encontrá-la, a põe nos ombros, cheio de júbilo, e, voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: ‘Regozijai-vos comigo, achei a minha ovelha que se havia perdido.’

“Digo-vos que assim haverá maior júbilo no Céu por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lc 15, 4-7).

esse chamado, é porque já havia em nós uma sede. Há em nós um vazio que só se preenche com Ele. Uma fome que só Ele sacia. Uma sede que só Ele pode matar.

Portanto, perder tempo duvidando da autenticidade do chamado é, em certo sentido, negar o óbvio. A própria dúvida já é sinal de que estamos sendo movidos por Deus. A alma que se pergunta se está sendo verdadeira com Cristo já está, de algum modo, respondendo a Ele.

DEUS NOS DESAFIA

O chamado de Deus nunca vem isolado: implica um convite à mudança. E toda mudança incomoda. Trata-se de um desafio interior, moral, prático. Deus nos chama a sermos mais: mais generosos, mais livres, mais verdadeiros. Esse movimento exige que deixemos algo para trás — e nem sempre queremos isso. Daí a resistência, o medo, a falsa racionalização: “Não é para mim”, “Não sou capaz”, “Não é o momento certo”.

Zacarias duvidou do anjo, e nós também duvidamos da voz de Deus. No entanto, o desafio não desaparece porque o ignoramos: permanece à nossa espera. Talvez tenhamos uma longa história na vida de fé. Talvez estejamos começando agora. Talvez tenhamos sido sempre dóceis à vontade de Deus ou, ao contrário, tenhamos passado anos em resistência, em revolta silenciosa contra tudo o que pudesse lembrar o Evangelho. Pouco importa. Porque o chamado de Deus, quando é verdadeiro, nos encontra como estamos e nos convida a mudar a partir de onde estamos.

Deus nos chama a uma vida nova: Deus nos desafia. A vida interior, a verdadeira amizade com Cristo, é uma vida de transformação. Estar com Cristo é, necessariamente, um estado de mudança. E essa mudança raramente é confortável, sutil e previsível.

Às vezes, Deus nos pede pequenas renúncias: um gesto de paciência, um pedido de perdão, um hábito a ser revisto. Outras vezes, o pedido é maior: uma reorientação de vida, uma abertura a novos filhos, uma disposição para aceitar a perda, o fracasso, a injustiça. À primeira vista, esses pedidos podem nos parecer um retrocesso, podem parecer ameaçar nossa estabilidade e rebaixar nossa qualidade de vida. Esse, porém, é apenas o olhar da carne: a *prudência da carne*, como dizia São Paulo, a qual, na verdade, é a mais perigosa das imprudências. Já a *prudência do espírito*, a sabedoria que vem de Deus, parece insensata aos olhos humanos. O Evangelho é, de fato, um convite a uma santa imprudência.

À comunidade de Corinto, São Paulo relembra que seguir a Cristo é uma proposta insensata aos olhos do mundo: *os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos.*⁵ Jesus contradiz a nossa lógica pessoal, desafia-nos ao desconforto, ao sacrifício, à abnegação, ao serviço — e, em tudo isso, dá-nos a alegria e a paz.

Quem quiser viver a fé sem desconforto, sem cortes, sem Cruz... estará procurando um Cristo que não existe. Em todos

5 1 Cor 1, 22-23.

os altares do mundo, Jesus está na Cruz. Se queremos estar com Ele, sabemos onde encontrá-Lo: *se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome sua Cruz e siga-me*.⁶ Seguir a Cristo é entregar o controle de nossas vidas.

Não é possível ser plenamente aplaudido pelo mundo e plenamente fiel a Jesus. Essa receita nunca deu certo, nem dará. Ao decidirmos pela conversão, não estaremos assinando um contrato de realização pessoal nos moldes do mundo, não estaremos escolhendo a versão mais segura da nossa existência. Estaremos escolhendo uma Cruz. E, com ela, a verdadeira liberdade.

No contexto da Paixão, Jesus é auxiliado por um homem que *vinha do campo*: Simão de Cirene. Não é que estivesse acompanhando o julgamento e a tortura de Cristo, piedoso ou, como a maioria, escarnecendo do Filho de Deus. Não: voltava do campo, havia trabalhado dignamente e se encaminhava para casa, onde encontraria sua família (seus dois filhos, Alexandre e Rufo, posteriormente convertidos ao cristianismo). Não havia cometido qualquer erro reprovável e não buscara holofotes. Ainda assim, Deus o chama e o desafia: precisava desfrutar, brevemente, de sua lógica divina, carregando a Cruz do outro. O Cireneu, por sua singela contribuição indesejada a Jesus, está eternizado em todas as vias-sacras do mundo, na quinta estação dessa oração repetida há tantos séculos,⁷

6 Mt 16, 24.

7 “Jesus está extenuado. Seus passos tornam-se mais e mais trôpegos, e a soldadesca tem pressa em acabar. De modo que, quando saem da cidade pela porta Judiciária,

e inspira-nos a carregar diariamente, um pouquinho, essa Cruz de Cristo.

Muitos de nossos projetos humanos — estabilidade financeira, conforto, equilíbrio emocional absoluto, segurança calculada — entram em rota de colisão com o ato de seguir Cristo. Não, porém, porque Deus deseje nosso sofrimento, mas porque demanda a nossa entrega plena: quer que confiemos até quando soar imprudente. Ser cristão é ser outro Cristo, e basta olhar para a vida do próprio Cristo para entender o que isso implica. O Filho de Deus nasce numa manjedoura, despido de conforto. Caminha sem posses. Chora, sente fome, se cansa. Abraça, ensina, acolhe — mas também é rejeitado. E morre nu, suspenso num madeiro. Vai-se deste mundo como veio: sem nada.

Esse é o modelo. É por esse caminho que Ele nos convida a segui-Lo. É por isso que, quando Deus nos pede algo — um passo generoso, a renúncia sincera a um bem legítimo, uma confiança sem garantias —, precisamos olhar para a Cruz e nos dispor a abraçá-la.

requisitam um homem que vinha de uma granja, chamado Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo, e forcem-no a levar a Cruz de Jesus” (Mc 15, 21).

“No conjunto da Paixão, é bem pouco o que representa esta ajuda, mas a Jesus basta um sorriso, uma palavra, um gesto, um pouco de amor para derramar copiosamente a sua graça sobre a alma do amigo. Anos mais tarde, os filhos de Simão, já cristãos, serão conhecidos e estimados entre os seus irmãos na fé. Tudo começou por um encontro inopinado com a Cruz.

“Apresentei-me aos que não perguntavam por mim, acharam-me os que não me procuravam” (Is 65, 1).

“Às vezes, a Cruz aparece sem a procurarmos: é Cristo que pergunta por nós. E se por acaso, perante essa Cruz inesperada, e talvez por isso mais escura, o coração manifesta repugnância..., não lhe dê consolos. E, cheio de uma nobre compaixão, quando os pedir, segreda-lhe devagar, como em confidência: ‘Coração: coração na Cruz, coração na Cruz!’” (São Josemaria Escrivá, *Via sacra*, Quadrante, São Paulo, 2025, Va Estação).

Na manjedoura. No despojamento. No silêncio da Cruz. Deus sempre nos responde. E o que Ele nos pede ao responder-nos nós não é a busca de uma vida confortável, mas de uma vida oferecida. De uma vida que fale com gestos concretos, como São Pedro na Última Ceia: *Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.*⁸

O desafio que Deus nos propõe é o desafio que Ele mesmo viveu. *Deus nos amou primeiro*,⁹ desmedidamente. E é por isso que podemos aceitá-lo com confiança: Deus não nos pede nada que não tenha antes vivido em plenitude.

Cristo revela o homem ao próprio homem.¹⁰ Mostra, com o próprio corpo, o que é o ser humano de verdade: um homem que se emociona, que sente fome, sede, sono, que sofre, que ama até o fim.

Eis nosso único desafio: ser outro Cristo. Todos os dias. Na carne e na alma. Na doação e na esperança. Na saúde e na doença. Na Cruz e na ressurreição.

8 “Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. Chegou a Simão Pedro. Mas Pedro lhe disse: ‘Senhor, queres lavar-me os pés!...’

“Respondeu-lhe Jesus: ‘O que faço não compreendes agora, mas irás compreendê-lo em breve.’

“Disse-lhe Pedro: ‘Jamais me lavarás os pés!...’

“Respondeu-lhe Jesus: ‘Se eu não os lavar, não terás parte comigo.’

“Exclamou então Simão Pedro: ‘Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça’” (Jo 13, 5-9).

9 1 Jo 4, 19.

10 “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime.” (*Gaudium et spes*, n. 22).

VIESTE PARA NOS PERDER?

No conjunto da pregação de Jesus, há um episódio ao qual nos habituamos na vida pública de Cristo, mas que não tem nada de banal; trata-se de um daqueles episódios que, se contemplado isoladamente, bastaria para nos levar a uma conversão, a uma mudança de vida. Esse pequeno recorte extraordinário daquilo que foi a vida de Cristo seria suficiente para nos inspirar a levar a sério esse Deus que veio ao mundo se apresentar ao homem e pagar o preço dessa apresentação.

Jesus desceu a Cafarnaum,¹¹ cidade da Galileia que se havia elevado a certo nível de protagonismo. Estabeleceu ali, longamente, sua residência. Em Cafarnaum, ele foi muito bem aceito e, como judeu, ensinava aos sábados, naturalmente.

Toda a gente ficava admirada com aqueles ensinamentos, com a *autoridade* de Cristo. Num dia em especial, contudo, na sinagoga (presumimos que tenha sido um sábado, dia em que os judeus se encontravam ali), havia um homem possuído por um demônio impuro. Esse homem, ao ver Jesus, grita; ou melhor, quem grita é o próprio demônio: “Que queres de nós, Jesus? Vieste para nos perder? Eu sei quem tu és, tu és o Santo de Deus!”

11 “Desceu a Cafarnaum, cidade da Galileia, e ali ensinava-os aos sábados. Maravilharam-se da sua doutrina, porque ele ensinava com autoridade. Estava na sinagoga um homem que tinha um demônio imundo, e exclamou em alta voz: ‘Deixa-nos! Que temos nós contigo, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: o Santo de Deus!’. “Mas Jesus replicou severamente: ‘Cala-te e sai deste homem’. O demônio lançou-o por terra no meio de todos e saiu dele, sem lhe fazer mal algum. “Todos ficaram cheios de pavor e falavam uns com os outros: ‘Que significa isso? Manda com poder e autoridade aos espíritos imundos, e eles saem?’” (Lc 4, 31-36).

Jesus ameaça o demônio, dizendo: “Cala-te e sai dele!” E o demônio se retira aos gritos.

Aqueles que contemplaram essa cena — e podemos nós contemplá-la também, em meditação — saíram dali convencidos da autoridade de Deus, capaz de submeter até mesmo demônios que os homens não sabiam como expulsar. A desesperança e a incapacidade humanas são combustível para a atuação divina...

O que mais chama a atenção, porém, é a resposta do demônio para a presença de Jesus: *Vieste para nos perder?* Em uma primeira reação, podemos imaginar se tratar de uma pergunta que beira a ingenuidade: é evidente que Cristo veio destruir e afastar o demônio das nossas vidas. Mas não é só isso: podemos nos colocar na cena, ao lado desse personagem repugnante, porque também a nossa reação à chegada de Cristo é, frequentemente, essa.

Ao tomar conhecimento dos desafios que seguir Jesus fielmente nos traz, esbravejamos, mesmo que em silêncio: “Deus veio destruir a minha vida!” Parece um pouco duro, mas, infelizmente, não é outro o nosso sentimento quando olhamos para o chamado de Deus e para a exigência de ser cristão. Um leque de mudanças a serem operadas em nossas vidas se desvela: desde a relação com os bens materiais até nossos comportamentos, passando por hábitos, planos e sonhos.

A mudança que Deus propõe aos poucos, falando no fundo do nosso coração, vai nos incomodando de modo gradual. Buscamos nos esquivar das sugestões divinas, até estarmos profundamente convencidos de que é aquele o passo que

temos de dar. Então, num segundo momento, reunimos forças para dar esse passo.

O chamado exigente de Jesus soa, em geral, como uma destruição dos planos humanos, esse conjunto de programações que insistimos em tratar de maneira respeitosa. Acontece, no entanto, que Deus brinca conosco, com os nossos projetos rígidos, os quais caem, com um sopro do Espírito Santo, qual um castelo de cartas a se desmantelar quando a criança se descuida.

Quando olhamos para esse passo que Deus nos chama a dar, não podemos parar. O cristianismo não é uma religião do medo ou da destruição: tudo o que Jesus vem destruir, Ele reconstrói de forma *incomparavelmente superior*.¹²

Vieste para nos perder?: eis a voz do nosso egoísmo. Permitamos que Cristo o expulse de nossa alma.

DEUS NOS FORTALECE

Deus não apenas chama e desafia. Deus fortalece. Nunca exige sem capacitar, nunca convida sem sustentar. Cristo não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos: Cristo *nos confirma*.¹³

A força de nossa resposta está embutida no chamado. Ela não vem antes: “Toda a nossa fortaleza é emprestada”¹⁴

12 “Irmãos, aspirai aos dons mais elevados. Eu vou ainda mostrar-vos um caminho incomparavelmente superior” (1 Cor 12, 31).

13 “Ora, quem nos confirma a nós e a vós em Cristo, e nos consagrou, é Deus” (2 Cor 1, 21).

14 São Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 728.

pelo próprio Deus, para que possamos corresponder. Deus dá a missão e os meios para a cumprir. Contudo, para isso, é preciso ouvir e atender. Não escutaremos se não cultivarmos o silêncio interior, a atenção sincera, a abertura do coração.

Depois de nos chamar e nos desafiar, Deus nos apresenta, com toda a clareza, o custo da coerência. Coloca-nos diante de um panorama exigente, que mexe com nossa mentalidade, com nossas seguranças, com nosso lugar no mundo.

Desapegar-se da lógica do mundo parece loucura. Para os colegas de trabalho, para os conhecidos, para os que vivem mergulhados em infidelidades, e até para os mais próximos — familiares, amigos sinceros, pessoas que nos amam —, a nova vida de quem se volta para Deus pode parecer absurda. Mas é justamente quando esse desconforto se impõe, quando o Evangelho começa a nos parecer exigente demais, que Deus nos recorda: não quer nos ferir nem nos castigar. Quer nos fortalecer, quer nos dar a paz.

É muito empobrecida a visão da religião como um conjunto de imposições arbitrárias e hostis ao prazer, como se a fé fosse uma invenção de homens mal-humorados do passado, desejosos de sabotar a alegria das futuras gerações. O cristianismo, e de modo particular o catolicismo, não é uma moral fria, mas um caminho de coerência. E essa coerência tem um preço alto: o preço da renúncia, da conversão, da vigilância interior. Por outro lado, trata-se de uma coerência fecundíssima: aquele que se dispõe a vivê-la não herda apenas o cansaço da luta, mas herda também a paz.

*Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize!*¹⁵ Eis uma paz que, se não é ausência de problemas, é porém presença de sentido, fruto da harmonia entre o que se crê, o que se vive e o que se espera.

É possível ver esse sentido com clareza na vida dos que se santificam no cotidiano. Há pessoas que vivem com pouquíssimo — gente que não pode jantar fora sequer no aniversário, que conta moedas, que vive com dificuldades reais — e, no entanto, dormem em paz, profundamente serenas; ao passo que seus vizinhos, talvez moradores da cobertura, com dois carros na garagem, viagens ao exterior e tudo o que o conforto moderno pode oferecer, vivem em guerra constante. Maridos que chegam em casa e trazem o caos; pais e mães que preferem fugir do lar a lidar com os filhos; cônjuges que escondem seus celulares por medo de serem desmascarados... Não há paz onde não há verdade; não há descanso onde há incoerência.

A proposta de Deus não é a de um educador severo, arbitrário e austero, mas um convite amoroso: que experimentemos o bem mais precioso que Ele pode nos oferecer, e esse bem é a paz que vem da coerência com a verdade.

Se meditamos, é porque buscamos essa paz, é porque reconhecemos, em algum nível, que ela ainda não é plena em nós. E, para isso, é preciso pagar o preço. O chamado de Deus

15 Jo 14, 27.

nos sacode: a vida não está fazendo sentido. Mesmo com os projetos que deveriam ter trazido felicidade, falta algo.

Em seguida, vem o desafio: a vida precisa mudar. A conversão é desconfortável. Como foi para Pedro, André, Tiago e João. *Deixaram tudo e o seguiram*.¹⁶ Isso não era pouco. Aquele barco e aquelas redes eram toda a sua vida — o passado, o presente e o futuro. Mas, ainda assim, deixaram tudo para trás e, ao fazê-lo, herdaram uma missão eterna: pilares da Igreja, colunas do Apocalipse, nomes inscritos no Céu.

Deus nos chama, nos desafia, nos fortalece. Não nos abandona em meio às exigências, mas nos sustenta com sua graça e com um dom que o mundo não entende: a paz.

O Senhor nos ajuda de maneira sensível e real. Na oração cotidiana, nas boas obras diárias, nos Sacramentos da Igreja, encontramos instrumentos suficientes para ordenar toda a nossa existência. A generosidade nessas práticas, que ocupam a inteireza de nossos dias, é caminho seguro para que experimentemos, concretamente, a mudança de vida que nossa biografia, nesse breve caminho pela terra, exige.

A lei do pecado, a que estamos submetidos desde o desvio de Adão e Eva — um pecado com olhos bem abertos, por parte de criaturas conscientes e dotados de robusta vontade —, é revogada pela lei da graça. Jesus, entregue na Cruz, reabre o canal para recebermos o grande dom de Deus.

16 Lc 5, 11.

Não é demais repetir. Sua graça nos chega, em primeiro lugar, pelas boas práticas diárias. Estar onde devemos estar e cumprir o que devemos cumprir, ainda no plano das obrigações humanas, é a etapa inicial da penitência. Respeitar horários e prazos, levantar na hora, organizar compromissos, tratar bem os outros, ser paciente, agradecer e sorrir, fazer favores desinteressadamente: essas são missões humanas com sabor sobrenatural. Não há declaração de santidade que não passe pelas virtudes humanas heroicamente vividas.

Em segundo lugar, a oração. Ao rezar, o homem eleva a alma a Deus: coloca-se na sua presença para falar e, sobretudo, ouvir. Os predicados para uma oração frutífera são a humildade (saber-se nada diante de Deus), o silêncio e a retidão de intenção. Quem quer que peça iluminação a Deus com pureza de vontade sentirá, no fundo da alma, a resposta, na forma de graças e convicções corajosas.

Em terceiro lugar, os Sacramentos. Não há potência maior que esses instrumentos criados pelo próprio Cristo e confiados à sua Igreja para toda a eternidade. Não estando Ele à nossa vista, permanece em sinais visíveis: a água do batismo, os noivos que se casam, o pão e o vinho transubstanciados. A graça invisível se esconde em dons tangíveis. A certeza da presença de Deus supre qualquer descrença. É Jesus, pessoalmente, que vem ter conosco em cada Sacramento.

Deus nos estende a mão. Agarremo-la! Olhar para o “desafio divino” com pessimismo é empobrecer o gesto amoroso de um Deus que nos visita, que nos chama a sair do lamaçal do pecado, que nos quer livres e felizes. Nossa atitude não pode

ser de medo nem de ressentimento, mas de agradecimento generoso a um Deus que nos ama a ponto de querer nos apresentar à nossa melhor versão. *Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação.*¹⁷

17 1 Ts 4, 3.